

O ESPECTRO.

Admonet in somnis et turbida terret imago.

Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

LISBOA 20 DE DEZEMBRO.

A questão governamental complica-se, e vai tornando um aspecto mais grave e mais assustador. Convém defini-la com precisão e clareza para desenganar os illusos e tirar aos indifferentes o pretexto da ignorancia.

A revolução do palacio está qualificada dentro e fóra do paiz— aqui por uma sublevação geral, subita e espontanea, lá pela declaração explicita e cathégorica dos órgãos officiaes de todos os grandes partidos.

A revolução e a reacção são coevas— nasceram na mesma noute, são filhas da mesma mãe— é a mesma materia electrica que se inflamma: na côrte é relampago, no paiz é raio e trovão.

Quando a vontade de um povo se manifesta com tamanha velocidade e explosão, quando se sustenta com tanto affinco e entusiasmo, quando os cidadãos abandonam os seus lares e vão offerecer as suas vidas no altar da patria, essa vontade é a expressão d'uma grande necessidade social, é a unica legitima e soberana, é a base de toda a boa administração, porque só são boas aquellas instituições que reúnem o maximo numero de vontades.

Poderá acontecer que esse povo se engane e que essa vontade assim manifestada seja contraria aos seus verdadeiros interesses? Damos de barato que o seja; o meio de o illustrar não consiste em lhe decretar os fuzilamentos, em suspender as garantias, em aniquillar a representação nacional, em resuscitar os recenseamentos de sangue, em pôr á testa da administração delapidadores confessos e convictos, que destroem a lei fundamental do estado. A vontade erronea do povo (quando erronea fosse) era respeitavel, nascia de um sentimento de morali-

dade, e devia dirigir-se, convencer-se, mas não castigar-se.

Assim no paiz acha-se de um lado a associação de todos os contribuintes, do proprietario, do trabalhador, do capitalista, do industrial; do outro a magna caterva dos vampiros, a gente de ganhar, os filhos do orçamento. Acha-se uma nação inteira, no continente e nas ilhas, a protestar contra a conspiração da tenebrosa noute de 6 d'Outubro, e uma côrte cega e imprevidente, com um exercito de gaiatos presos a cordel, pertendendo dictar a lei a um povo inteiro, quando apenas é reconhecida em algumas terras de Lisboa e seu termo— côrte que podia sumir-se e deixar entregue a gerencia do municipio aos vereadores, que são os seus administradores naturaes.

Se cá dentro a revolução do palacio é assim avaliada pelos resultados, lá fóra não é julgada com menos severidade.

Attribue-se geralmente a revolução da camarilha a influencia franceza; suppõe-se que o governo pessoal de Luiz Filippe tem interesse em accomodar a politica portugueza á reaccionaria da Hespanha a fim de ser apoiado nas consequencias do casamento Montpensier que podem ser-lhe pouco favoraveis. Mas se o rei cidadão forceja por conseguir os fins, não se podia conformar com a brutalidade dos meios, que trahiam todo o seu pensamento e comprometiam o exito da causa que pertendia fazer triunfar.

Foi por isto que o *Journal des Debats*, órgão de Luiz Filippe, se vio forçado a engeitar a obra do seu senhor e a desamparar os instrumentos da sua vontade entregando-os á sua sorte. Eis-aqui como

aquella folha em data de 29 de Outubro se explica :

« Pouco nos importa o resultado do golpe de estado, que o marechal Saldanha, um dos antigos corripheos do radicalismo, acaba de tentar em Portugal. A rainha entrou n'um jogo que lhe pôde custar a corôa. O *Nacional* parece até acreditar que esse jogo pôde sair mais caro áquella imprudente princeza. Nisto ao menos esperamos que o *Nacional* e o seu correspondente se enganem, e que os portuguezes, aconteça o que acontecer, não se mancharão com um crime absurdo e inutil. Um paiz que muda de constituição quasi todos os annos, e que não faz senão fluctuar entre os golpes d'estado de club e os golpes d'estado de palacio não tem o direito de se mostrar tão rigoroso.

« Pela nossa parte, ja o dissemos, é-nos impossivel reconhecer neste dedalo de intrigas e revoluções o que em Portugal se chama monarchia constitucional. Um ministro a quem não parecia faltar habilidade nem energia, Costa Cabral, antigo clubista, foi ha mezes supplantado por um motim. As cousas não foram depois nem muito melhor, nem muito peor. A quéda de Costa Cabral não valeu para Portugal uma liberdade mais, e o thesouro ficou vazio como d'antes. Seria para o encher que a rainha ajudada pelo marechal Saldanha, julgou dever dar um golpe d'estado, e augmentar uma revolução mais a tantas revoluções? Este recurso poucas vezes tem tido bom resultado; desta parece destinado a tê-lo ainda mais triste, e não sere, mos nós quem com isso soffrerá. Não gostamos destes pertendidos golpes de auctoridade que tem sempre por pretexto firmar a liberdade, mas que começam antecipadamente por suspender todas as liberdades e todos os direitos. Uma constituição suspensa é uma constituição destruida. A liberdade de imprensa e a liberdade individual não existem em Portugal; eis o que é claro para nós no golpe de estado de Lisboa, e é por isto que desde o primeiro momento, não obstante as magnificas promessas consignadas na proclamação e nos decretos da rainha, não acolhemos senão com a mais profunda desconfiança esta especie de contra-parte das revoluções radicaes.

« Não temos necessidade de acrescentar que é absurdo imputar ao governo francez a menor parte no imbroglio de Lisboa. É a isso contudo que o *Nacional* queria chegar. Essa folha faz escrever ao seu correspondente de Madrid que Saldanha estando em Paris no mez d'Agosto, visitára Guizot e preparára com este ministro o seu golpe d'estado. Eis-aqui o que não é máu. Como se esqueceu o *Nacional* que havia exclamado não ha mais de quatro ou cinco dias — « Saldanha! mas não ha muito que elle esteve em Paris, e todas as suas relações denotavam

ainda o radicalismo mais puro. » Não precisamos por conseguinte dizer quem visitava o marechal, não era seguramente a mr. Guizot.

« Sem duvida é mui digno de uma folha patriótica fazer cahir sobre mr. Guizot as tolices que se commettem em Lisboa, mas se é o *Nacional* a quem o marechal Saldanha ia visitar durante a sua ultima estada em Pariz, é preciso acreditar que esta personagem conspirava então outra cousa que um golpe d'estado monarchico. »

Não é nosso intento commentar as asserções da folha conservadora, basta observar que pela simples leitura della se vê que todos os partidos consideram a alteração ministerial portugueza como uma revolução, *golpe de estado*, que pôde comprometter seriamente a corôa, e negam e repellem toda a amizade, toda a connivencia com o marechal Saldanha, a quem tratam por corripheo do radicalismo, clubista e pé fresco, que andou em Pariz a farejar o *bonnet rouge* dos republicanos, os calções de mr. Guizot, e o *talon rouge* de Luiz Filippe, e vem a Portugal alardear pergaminhos e chamar canalha áquelles que não ha muito lhe faziam subscrições com que compravam o seu patriotismo, e viam de avental e trolha com o archote na mão babando liberalismo. Luiz Filippe metteu-o na maromba, e depois envergonhado da má execução chama *imbroglio*, *tolices* ao feito de 6 de Outubro — radical, clubista ao fidalgo paparrotão.

Um portuguez em Pariz escreveu ao *Journal des Debats* pedindo-lhe que retractasse a sua opinião, e dizendo-lhe que a carta permite a suspensão da liberdade de imprensa e da liberdade individual, e que os liberaes a tinham violado n'alguns artigos: a essa carta responde aquelle periodico do modo seguinte :

« É impossivel contudo que retractemos sobre o essencial das cousas a opinião que emittimos. O nosso correspondente objecta-nos que a carta de D. Pedro permite ao governo suspender, em caso de revolta, a liberdade de imprensa e a liberdade individual (*). Não temos a vista essa carta. Seria necessario vêr se os artigos citados se prestam á interpretação que se lhes dá. A carta de Luiz 18.º continha tambem um artigo no qual os conselheiros da restauração per-

(*) O esrrespondente devia acrescentar que o governo suspendera as garantias antes de se dar o caso da revolta, o que é contra a carta.

tenderam achar o direito de destruir a mesma carta e todas as garantias do systema representativo. Sabe-se como a França recebeu a sua jesuitica interpretação! Mas além disso o texto dos decretos expedidos pela rainha de Portugal dispensa-nos desta discussão. Estes decretos dizem formalmente que a constituição está suspensa. É pois verdadeiramente um golpe d'estado que foi dado: a rainha ficou investida d'uma dictadura provisoria. Ora insistimos no nosso principio — uma constituição suspensa é uma constituição destruída. — O fim das constituições não é prevenir o arbitrario? E se estas constituições estão sujeitas ao arbitrario então de que servirão ellas? »

«...São as nossas proprias desgraças que nos têm ensinado o que valem as constituições suspensas e as liberdades adiadas; gozavamos de uma constituição suspensa quando o comité de salvação publica dezimava a França e cobria o solo dos seus espiões e dos seus carrascos; viviamos sob o regimen de liberdade adiada quando o partido jacobino punia com a morte uma palavra ou um gesto suspeito!... Censurando o golpe de estado da rainha não defendemos a revolução que o precedera. Censuramos, lamentamos profundamente o meio de que a rainha se servira para resistir á revolução. Diz-se que a rainha tinha por si a carta e o direito, e contudo preferiu oppor a illegalidade á illegalidade, a violencia á violencia. Que vantagem terão os governos sobre os partidos se não respeitarmos mais que elles as leis e a justiça? Pela nossa parte não podemos ver uma monarchia constitucional n'um paiz aonde por um simples decreto da rainha a constituição é suspensa. Entre os radicaes que (segundo o correspondente) começaram por violar a carta em algumas das suas disposições e a rainha que suspende a carta inteira onde está o direito?»

Eis-ahi como fóra o paiz foi avaliado pelo partido doutrinario esse pertendido direito, essa prerogativa da corôa. Não citamos a opinião das folhas progressistas que tratam o marechal Saldanha com mais severidade, attribuindo á alteração das suas faculdades mentaes o passo errado que deu (*c'est fou* — diz o *Courrier Français*) porque presamos mais o testemunho dos cor-religionarios politicos da camarilha.

Desta avaliação resultaram diversas consequências para o paiz, que neste artigo não podemos mencionar. No seguinte numero fallaremos.

E com isto respondemos a esse *Diario* idiota e pedante que ousa accusar-nos de desconhecermos os principios constitucionaes.

Temos por nós a opinião dos órgãos sensatos de todos os gabinetes aonde se presam a doutrina e os principios.



Circulavam hontem varias noticias na cidade.

Dizia-se que o duque de Saldanha tinha mandado sahir para a retaguarda parte da sua infantaria, e que tinha avançado com a cavallaria. — Que o marechal do exercito conde das Antas sabedor deste movimento tinha tomado as disposições convenientes. — Que o conde do Bomfim se achava com uma forte divisão no Cereal, cortando já a retaguarda do duque de Saldanha.

Os coripheos do cabralismo andam hoje desorientados: até já fallam e pedem convenção. A miseria chega ao ultimo ponto.

Houve hoje reunião de ministros e de outras pessoas em casa do Sousa Azevedo. A pallidez da morte estava pintada no rosto dos que entravam e saiam. Consta que houvera um berreiro infernal e que todos se reputavam perdidos. Ninguém queria as honras da conspiração de 6 de Outubro, e accusavam o Saldanha de paparrotão — diziam até que se vendera!

O remedio é facil — é mandar o Joãozinho e o marquez de Fronteira escalar Santarém, mas depois de jantados, que é quando arrotam mais.

As prisões para soldado tem continuado com fervor estes dias para se mostrar como os defensores do ministerio são espontaneos.

A deserção para as forças populares é immensa.

O imperio da tyrannia está a expirar.

Á ÚLTIMA HORA.

Vão os batalhões para as linhas, segundo dizem.

Os atacantes vão ser atacados.



NOTÍCIAS DO EXERCITO.

Escrevem-nos de Santarém em 18 do corrente o seguinte:

«A columna do tenente general conde do Bomfim devia sahir hoje das Caldas para Torres Vedras, aonde no dia 17 tinha já pernoitado o bravo D. Fernando, conde de Villa Real, com as forças de seu commando, compostas dos batalhões de Torres, Caldas, e Alcoçaba, que sós,

por si, haviam repellido d'Ourem a columna do eoronel Lapa.

O conde de Villa Real segue para Cintra.

Saldanha tem as suas forças concentradas no Cartaxo, Casal do Ouro, Valle, e Povoá da Izenta; tendo reunidos e apenados, em Villa Nova, todos os harcos, em alguns dos quaes já estão embarcadas munições, bagagens, e provisões!



Vimos uma carta de Samora pela qual somos informados ter chegado alli uma força popular de infantaria, e tres peças de artilheria. Esta carta tem a data de 15 do corrente.



Por noticias do Porto, do dia 16, sabe-se que o Casal se conservava a uma legua d'aquella cidade, tendo a sua direita em Lessa, e a esquerda sobre a estrada de Braga. — Tinha havido algum tiroteio, e muito havia custado a conter os defensores do Porto, que ardiam por se precipitarem sobre o inimigo.



Da *Estrella do Norte*, periodico do Porto, de 15 do corrente, copiamos o seguinte:

« Recresce cada vez mais, se é possível, o entusiasmo dos bravos e denodados defensores do Porto. O frio intenso, a neve, a chuva, nada é capaz de os affastar do lugar de honra que lhes foi destinado.

Hontem, se bem informados somos, uma duzia de nossos bravos, não podendo já susteer seu ardor, pôde escapar-se das trincheiras, e apear do pessimo tempo, foi desafiar o piquete inimigo postado na direcção do reducto das Medalhas e do de S. Paulo. Parece que o piquete inimigo retirára, não sem alguma perda, produzindo grande alarme entre as facciosas e illudidas forças cabralinas, cujo quartel general é junto da ponte de Lessa do Ballio. — Os nossos recolheram incolumes e contentes.

De hora para hora augmentam nossas forças. Ainda hontem entrou nesta cidade mais outro destacamento de mancebos, que voluntariamente veem armar-se para combaterem os facciosos do Casal. São do districto da Guarda, que em verdade tem mostrado um patriotismo superior a todo o elogio.

Deve tambem hoje entrar em nossos muros uma companhia de cavallaria procedente da cidade de Coimbra.

Desta sorte dentro de poucos dias estarão completamente preenchidas as fileiras do novo regimento de cavallaria do Porto.



Cesse tudo o que a musa antiga canta

Que outro valor mais alto se alevanta.

Um dos dias passados houve um brodio na

bibliotheca. Não nos importa o bródio, mas importa muito á nação o que os beduinos lá fizeram.

O canmartello trabalhou dias antes naquellas paredes que até o proprio despotismo respeitára, o machado deitou abaixo portas cuja construção custára grandes sommas de dinheiro. Foi a invasão dos barbaros no templo das sciencias.

O commandante em chefe apresentou-se alli como para ser testemunha desta devastação, e teve olhos para ver sem indignação assim profanado um edificio respeitavel. Parece que estes senhores se consideram como os rendeiros que tiram da terra n'um anno o maior rendimento possível sem lhes importar a ruina da propriedade, que no anno seguinte querem deixar a seu dono.

O caso até aqui é sério, e nós deixamos ao publico a avaliação d'um prejuizo que monta a alguns contos de réis para encher a barriga a quatro sujeitinhos que bem podiam enfrascar-se em sua casa, ou aonde não fizessem mal.

Não fallamos já na profusão do banquete. Entre todas as iguarias avultavam os borrachos.

Tambem não faremos especial menção das reverendissimas que fizeram um ao outro o marquez de Fronteira e o sr. José Castilho — foi a historia dos dous leigos que disputavam entre si qual delles era mais asno.

O que nos arrebatava, o que nos extasia é o speech do Joãozinho do peixe. Ei-lo ahi copiado do *Diario*:

« O coronel commandante do 2.º batalhão de atiradores, o sr. commendador João Antonio de Almeida, agradeceu este brinde como commandante mais antigo dos batalhões assegurando a decisão e firmeza que o sr. commandante geral reconhecia nos batalhões nacionaes, que eram em grande parte compostos dos que já tinham pelejado, sempre com victoria, na guerra contra a usurpação; que eram muito respeitados pelos habitantes de Lisboa, e temidos dos revolucionarios que teem deshonorado esta capital: que todos estavam promptos a marchar até onde a honra militar os demandasse; « que se fosse mister o seu contingente para ir escalar os muros de Santarém, todos queriam ser escolhidos » levando á sua frente o nobre e valente marquez. »

Então? Não é o nosso Joãozinho um perfeito *Escala-muralhas*, e não fica Santarém um verdadeiro *Escalado*?

Este brinde acha-se no *Diario* de 18 do corrente, pag. 2.ª, col. 4.ª Tomamos estas precauções porque do contrario ninguem o creria.

Ora nós acreditamos que isto foi um chasco do Joãozinho ao duque de Saldanha, querendo talvez insinuar que elle era capaz de fazer, assim parvo como é, o que não tem feito o illustre marechal da profecia do sr. D. Carlos.

Quem sabe?